

**18/5/1985**

**Os cortadores de cana reiteram que pararão**

Do correspondente em Araraquara

Trinta e cinco representantes de sindicatos de trabalhadores rurais, reunidos ontem de manhã em Araraquara (a 274 km de São Paulo), apoiaram por unanimidade a proposta de colocar em votação em assembléias a deflagração da greve da categoria, a nível estadual. Os presidentes de sindicatos, participantes do encontro, são pela paralisação imediata, em regiões onde a safra já começou. As demais adeririam ao movimento paredista, tão logo sejam chamados ao corte de cana.

A reunião se instalou às 9 horas sob coordenação de Élio Neves, 27, presidente do sindicato da categoria em Araraquara, e representantes da Federação dos Trabalhadores na Agricultura — Fetaesp. Sertãozinho, Guariba, Ribeirão Preto e Jaboticabal também estavam representadas. Em cada cidade haverá assembléias hoje e amanhã para fixação da data de início da greve.

Élio Neves deixou claro que "pouco se espera das negociações com a Faesp" segunda-feira às 10 horas na DRT, pois os patrões não apresentaram nenhuma contraproposta na reunião de ontem. As reivindicações são: pagamento de uma diária mínima variando entre 35 mil (para pequenas fazendas) a 37,5 mil (para as grandes). Os usineiros, no entanto, continuam com a proposta inicial de 16.825 cruzeiros.

**"Guariba aderirá"**

Ficou também decidido, na reunião sindical em Araraquara, que os bóias-frias não aceitarão o pagamento por produção e sim por metro linear de fileiras de cana corta, do que os usineiros discordam. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima Soares, 28, lembrou que na campanha do ano passado em sua cidade, uma pessoa morreu baleada durante intervenção da Polícia Militar, além do que houve canaviais incendiados, tendo sido ele próprio atacado por dois elementos, segundo disse a mando de um usineiro. E afirmou que este ano "Guariba não será a primeira a dar o grito", para não se isolar como no ano passado, "mas aderirá à greve".

O deputado federal Valdir Trigo (PMDB), presente à reunião sindical, afirmou: "As greves anteriores eram contra a miséria do trabalhador e tinham o interesse de desestabilizar a ditadura. Agora, na Nova República, a luta é contra a miséria. Nada de saques, de distribuição, pois estes bens um dia serão de vocês".

Pelos usineiros, Arlindo Zanin, diretor da usina Zanin, de álcool e açúcar, em Araraquara disse que a safra começou esta semana em sua indústria, mas que a questão dos trabalhadores rurais está afeta à Faesp. "Nada adiantaria a minha opinião, enquanto valerá a decisão da entidade, que representa todas as usinas". Já Antônio Pavan, 47, dono da usina Santa Cruz, onde a moagem também começou, entende que "o que eles pedem (os cortadores de cana) não é possível atender. Todos que trabalham deveriam ganhar bem, mas nosso produto é tabelado pelo governo e não podemos repassar o aumento ao custo, que é baixo".